

BETTY B. FUKS

CARINA BASUALDO

NÉSTOR A. BRAUNSTEIN

Por amor a *Totem e tabu*

Se me perguntassem quais as contribuições ousadas e inovadoras de Sigmund Freud para o conhecimento do ser humano que tiveram o impacto mais forte sobre mim e quais as suas obras literárias que primeiro me vêm à mente, quando escuto seu nome, eu nomearia, sem pestanejar, o grande tratado em quatro partes *Totem e tabu* [...] e isso porque ele transcende em muito, nas suas intenções e intuições, a esfera da medicina e adentra as ciências humanas de um modo geral, e sobretudo por abrir ao leitor que reflete sobre as questões da humanidade, de maneira esclarecedora, incríveis perspectivas sobre o passado anímico [...]. Trata-se sem dúvida, do ponto de vista puramente artístico, do melhor dos trabalhos de Freud; pela construção e pela forma literária, é uma obra-prima da ensaística alemã que aparenta-se e pertence às suas maiores realizações.

— *Thomas Mann*¹

- 1 N. dos o. Este parágrafo inicial não consta das edições em espanhol e também, pelo que nos foi possível averiguar, das edições em francês e em português do texto de Thomas Mann intitulado “O lugar de Freud na moderna história do espírito” [“Die Stellung Freuds in der modernen Geistesgeschichte”], de 1929. Não sabemos por que, entre a primeira edição em alemão e as seguintes em diferentes línguas, ele foi omitido. Devemos a Márcio Seligmann-Silva sua indicação e sua tradução para o português. Temos muito prazer em retirá-lo do esquecimento a que foi levado e em torná-lo acessível aos admiradores e conhecedores das obras de seu autor e de seu homenageado.

“Estou todo em *Totem e tabu*”. Com essas palavras, Freud declarou a Sándor Ferenczi, em carta de 11 de agosto de 1911, o quanto se sentia absorvido pela escrita de um texto que o levaria – aludimos aqui às reflexões de Michel de Foucault em *O que é um autor?* (1969) – a comprometer-se com uma nova e estranha relação consigo mesmo. Muitos comentaristas de Freud consideram que essa obra, escrita entre 1911 e 1912, e publicada em 1913, resume-se a uma aplicação da teoria psicanalítica à antropologia. Evidentemente, trata-se de uma leitura apressada e equivocada. O livro em questão é um escrito metapsicológico que oferece, como subproduto, a elucidação do princípio psicanalítico do vínculo indissolúvel entre o individual e o coletivo, algo mais claro hoje do que cem anos atrás. Tal postulação exige que o analista ocupe o lugar de crítico da cultura, na qual dá seu testemunho. Sendo assim, é legítimo afirmar que *Totem e tabu* é um desses textos solitários que terão de ser considerados fundamentais não apenas no âmbito da obra de seu autor, mas também como uma das maiores criações do século xx. O ensaio inaugura o que até então era impensável: um mesmo espaço, um espaço em comum, para apreender a psicologia individual e a psicologia coletiva. Recordemo-lo: “A psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (Freud, 1921: 14).

Treze anos depois de publicar, em *A interpretação dos sonhos* (1900), alguns relatos pessoais que lhe abriram a via de acesso à singularidade do desejo, Freud construiu, em *Totem e tabu*, a cena que funda a vida social, o mito do assassinato do pai. Por que foi necessário forjar um mito nesse momento, quando quase todos os conceitos psicanalíticos extraídos da clínica já configuravam uma teoria aceita e reconhecida?

Em primeiro lugar, deve dizer-se que a tarefa foi árdua, como se lê em outra carta de Freud a Ferenczi, datada de 30 de novembro do mesmo ano, 1911: “O trabalho sobre o totem está uma porcaria. Estou lendo livros enormes sem interesse algum, o instinto já me diz a conclusão, enquanto tenho de rastreá-la em todo o material. Enquanto isso, o raciocínio se obscurece”. Sucedia-se assim porque os dados da literatura antropológica e etnológica arrolados nos quatro ensaios que compõem *Totem e tabu* confirmavam, de um modo ou de outro, o que Freud estava habituado a escutar de si próprio e de seus pacientes. Era preciso, portanto, fazer uma inferência lógica do material divulgado pelos livros de Charles Darwin, George Frazer, W. Robertson Smith e James J. Atkinson, bem como tecer um enredo literário que se mostrasse capaz de manifestar a verdade analítica sobre as origens da religião (totem) e da moral (tabu).

O espírito crítico do pai da psicanálise se antecipou a estudos mais recentes sobre a função dos mitos na cultura, entendidos como relatos de uma criação que, emersa num passado remoto, perpetua-se em aspectos da rea-

lidade presente. Como histórias dramáticas que autorizavam os costumes, os ritos e as crenças, ou bem aprovavam suas mutações, os mitos se situam entre a dominação, de um lado, e o conhecimento da natureza, do outro, dos quais decorrem sua eficácia simbólica. De modo geral, Freud rompeu com a valoração negativa dada pela razão ao mito, ao considerá-lo uma narrativa de alto valor social e individual, cuja função consistiria em *expressar uma verdade sobre as origens e a arquitetura do espírito humano*. Nesse sentido, a entrada das construções míticas no campo psicanalítico excede uma simples montagem de ilustrações; ela é, simultaneamente, um modelo inabitual de expressão do pensamento científico.

Totem e tabu, um mito científico, foi o escândalo introduzido pela psicanálise no âmago do saber moderno como efeito da grande importância que Freud atribuiu à confluência entre mito e *logos*. Não é excessivo lembrar, a despeito de todas as críticas recebidas, que o mestre de Viena jamais renunciou a valer-se do mito, cujo relato adquire o tom de uma grande lenda, para representar, graças a ele, uma origem desconhecida, mas sempre necessária. “Um dia, os filhos expulsos da horda pelo pai que gozava de todas as mulheres regressaram, mataram-no e devoraram seu cadáver, pondo fim à existência daquela forma arbitrária de poder”. O assassinato é o ato que instaura a cultura. Essa equação pode ser expressa também em termos metapsicológicos: o assassinato representa o momento mítico de instalação do recalque primário (*Urverdrängung*), mecanismo que organiza as representações no interior do aparato psíquico.

Na década de 1930, ao sentir-se cada vez mais convencido de que os mitos possuíam um valor incalculável para a investigação científica, Freud escreveu a Einstein: “Talvez o senhor tenha a impressão de que nossas teorias são uma espécie de mitologia, e nem mesmo agradável nesse ponto. Mas toda ciência não termina numa espécie de mitologia? Parece-lhe diferente na física hoje?” (Freud, 1932: 429) Seria o mito de *Totem e tabu* uma espécie de mitologia nada alegre? Mais ainda, cabe perguntar: o que há de agradável na *verdade histórica* de que cada pai é um pai morto e cada filho, um assassino involuntário? Trata-se sim de um mito desagradável, que é, no entanto, uma ferramenta poderosa e precisa para a inteligência do psiquismo e da ordem social: o passado remoto, perdido no tempo e no espaço, floresce no presente e chegará ao futuro do sujeito individual e, em conjunto, à cultura. Nesse sentido, Freud tece a célebre e discutível série de analogias entre a criança, o neurótico, o selvagem e o homem pré-histórico, para pôr em ação teórica o tabu do incesto, o desejo proibido. Não por acaso, retoma em *Totem e tabu* a análise do pequeno Hans: trata-se de demonstrar como a fobia infantil em

relação a certos animais apresenta analogias com o totemismo, essa primeira forma de religião que sobreveio, sob a forma de uma comemoração, após o assassinato do pai.

Cada vez que Freud percebia o mundo condenado à opressão e aos impasses da desorganização social, regressava à narrativa mítica que se prestava a ser lida como uma história da passagem da natureza à cultura. Em outros termos, o mito relata a aquisição da linguagem como alavanca primordial para a formação dos laços sociais. Pois bem, retornar ao mito não poderia deixar de implicar a tentativa de inscrever o real (que não cessa de não escrever-se) como resto da operação simbólica que funda o sujeito tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Teria sido esta a mensagem – inscrever o real no centro da teoria – que o pai da psicanálise deixou a seus herdeiros, ao mencionar reiteradamente, em três ocasiões, o mito do assassinato em sua obra testamentária, *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939)?

Pouco depois, a civilização sofreria os inimagináveis horrores da Segunda Guerra Mundial, que submeteram a cultura moderna a um estado de barbárie não vivenciado em tempo algum por nenhuma tribo selvagem, sequer em seus alvares supostamente primitivos e brutais. O mito ilustra, em parte, esse retrocesso inefável e inescrutável, puro efeito das estratégias mortíferas de recuperação do essencialmente perdido pelo assassinato do pai. A narração transmite o instante supremo da morte do poder arbitrário e do nascimento da vida em comunidade. Trata-se de um dos grandes legados de Freud ao campo das ciências humanas, em particular aquelas que se imbricam com a terceira ferida narcísica da humanidade: a facticidade da relação entre os seres humanos.

É pela grandeza insólita adquirida por *Totem e tabu* na história do pensamento ocidental e pelo que suas entrelinhas esboçam no horizonte que decidimos prestar-lhe uma homenagem, embora não isenta da crítica que pede e merece o texto. Neste livro, reúnem-se ensaios de psicanalistas e de profissionais de outras áreas, de diversos países. As diferenças entre esses ensaios, somadas à língua materna de cada um dos autores, esvanecem-se em face do entusiasmo pela grande obra freudiana, a qual, estando além ou aquém do que nos é contemporâneo, fora de um tempo determinado, convocou-os à produção textual nos sulcos que abriu. Enfim, é a transferência com o texto de 1913 que inspira a homenagem prestada em conjunto.

Vivemos no futuro da obra de Freud. Transcorreram-se 100 anos de quando o mítico passado totêmico que ele inventou ou desvelou se estendia clinicamente sobre os neuróticos e nos psicóticos, tal como continua a estender-se nos de nossos dias. A estrutura mantém seu arcabouço, razão pela qual o texto de *Totem e tabu* mantém sua vigência. No inconsciente, o passado não passa:

é intemporal, impermeável ao fluxo dos fatos sociais e à transitoriedade dos fenômenos culturais e políticos que transformaram a face da terra, mas não as posições subjetivas de seus habitantes. Transcorreram-se 100 anos e a atualidade do texto permanece impávida; mais ainda, confirmou-se com as mais abjetas, mas também com as mais sublimes ações. Nossa humanidade se manifestou tanto nas guerras genocidas quanto nos avanços da medicina; no rosto descarnado dos mercados como nas produções da arte; na devastação e no assassinato de alma dos filhos pelos pais de Schreber, e também no começo do fim do colonialismo e do regime patriarcal; seja na destruição ecológica e na abolição do tempo e do espaço, seja no monopólio nas comunicações. *Totem e tabu*, como já indicado, é um texto memorável que exhibe os vestígios do passado no presente e, por isso, é uma obra profética: o passado continuará modelando o futuro e as imprevisíveis transformações acarretadas pelo desenvolvimento das ciências exacerbarão a luta que forja a história entre as forças titânicas de Eros e de Tânatos. Cem anos é uma marca temporal, arbitrária, que permite estabelecer uma visão retroativa e, portanto, é também uma maneira de espreitar o futuro com suas ameaças e suas promessas, com o progresso simultâneo e, ao mesmo tempo, conflitante do cálculo e do pensamento a fomentar em nós, herdeiros de Freud, a esperança de sua fecundação recíproca.

Sobre o primeiro capítulo

Decidimos publicar, como um prelúdio, alguns documentos relacionados a *Totem e tabu*, no intuito de abrir novos caminhos à compreensão histórica e conceitual dessa obra pelo leitor. A princípio, selecionamos fragmentos de cartas de Freud e de colaboradores com que manteve interlocução antes de, durante e logo após a primeira publicação de seus quatro ensaios. Muitas dessas cartas mostram a evolução de Freud em alguns pontos abordados. São, com efeito, marcas eloquentes do processo criativo seguido pelo autor. Vislumbramos uma referência premonitória à temática de *Totem e tabu* no “Manuscrito n”, dirigido a Wilhelm Fliess e anexado a carta de 31 de maio de 1897. No que se refere à relação da psicanálise com a mitologia, a correspondência com Carl Gustav Jung é bastante esclarecedora. Permite entrever que, enquanto o itinerário do então presidente da Associação Psicanalítica Internacional se orientava pela tentativa de encontrar na mitologia provas da existência de um inconsciente coletivo, Freud estava convencido de que os mitos o ajudariam a compreender a alma humana individual e as organizações sociais. A troca de cartas com Sándor Ferenczi revela os afetos, as angústias e a

relação passional que se apossaram de Freud durante a redação da obra. Por sua vez, as correspondências com Karl Abraham e com o pastor Oskar Pfister transportam o leitor para o centro dos conflitos que agitavam o movimento psicanalítico, ao pano de fundo político e institucional da construção do texto. Esse conjunto de acontecimentos é determinante na correspondência entre Freud e seu biógrafo Ernest Jones, em que se deixa ver uma dupla inserção: de um lado, o leitor se inteira dos desentendimentos entre Jung e Freud; de outro, vem à luz diversas discussões teóricas bastante polarizadas.

Os leitores em espanhol e em português encontrarão aqui um curto texto inexistente nas *Obras completas* de Freud publicadas nessas duas línguas: o prólogo original a *Totem e tabu*, reproduzido sob o título “De quelques concordances dans la vie d’âme des sauvages et des névrosés” na edição francesa, organizada por Jean Laplanche (Freud, 1912: 383–5). Compõe-se de cinco parágrafos impressos em março de 1912 na revista *Imago* como a introdução do primeiro de seus quatro ensaios. Em nota de pé de página, os editores franceses esclarecem que, na publicação do livro reunindo esses ensaios, tais parágrafos foram substituídos por um prefácio, escrito em setembro de 1913, e omitidos nas edições posteriores da obra, até reaparecerem em 1987 no *Nachtragsband* das *Gesammelte Werke* em alemão.

Sua inclusão nesta coletânea é um dos bons resultados do trabalho colaborativo de seus três organizadores. O entretecer das três línguas em que os 11 ensaios aqui reunidos, provenientes de vários países, foram escritos e traduzidos se encontra na origem da redescoberta inesperada. De fato, ficamos muito surpresos ao notar que esse prólogo não foi incluído nas diversas edições das obras de Freud até hoje publicadas em espanhol e em português.

Mas deixemos que os leitores descubram a riqueza desse texto até então desconhecido. Antecipemos apenas que nele se espreita e é legível a ambivalência de Freud em relação a Jung. Com efeito, ao mesmo tempo que reconhece ter sido este o primeiro a chamar-lhe a atenção para o paralelismo entre os desenvolvimentos ontogenético e filogenético, Freud se desculpa por publicar *Totem e tabu* de maneira apressada, em virtude de “diversas incitações exteriores”... Como os editores franceses o indicaram, não há dúvida de que foi a publicação de *Transformações e símbolos da libido* (Jung, 1911) que deflagrou a precipitação de Freud para firmar sua posição no campo da antropologia, o que, por sua vez, teve consequências no movimento psicanalítico internacional... Por outro lado, e paradoxalmente, como ocorreu muitas vezes com o pai da psicanálise, pode-se encontrar nestas breves páginas sua humildade em face do saber antropológico, que seria, como ele o sabia, sacudido pela ousadia de *Totem e tabu*.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel

(1969) *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

FREUD, Sigmund

(1912) “De quelques concordances dans la vie d’âme des sauvages et des névrosés”. In: *Œuvres complètes*, vol. XI: 1911–1913. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

(1921) “Psicologia das massas e análise do eu”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

(1932) “Por que a guerra? (Carta a Einstein)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund & FERENCZI, Sándor

(1908–11) *Correspondência Sigmund Freud – Sándor Ferenczi*, vol. 1: 1908–1911. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

(1912–4) *Correspondência Sigmund Freud – Sándor Ferenczi*, vol. 2: 1912–1914. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

JUNG, Carl Gustav

(1911) “Wandlungen und Symbole der Libido”, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, Band III, Wien.

MANN, Thomas

(1929) “Die Stellung Freuds in der modernen Geistesgeschichte”, *Die psychoanalytische Bewegung*, 1. Jahrgang, Wien, Mai-Juni, 1929.